

XVIII

CIC

XI ENPOS
I MOSTRA CIENTÍFICA



Evoluir sem extinguir:
por uma ciência do devir



REFLEXÕES FITOTERÁPICAS SOBRE A CAVALINHA (*Equisetum* sp. L.) COM BASE NA ANTROPOSOFA - UM DIÁLOGO POSSÍVEL

SANTOS, Mateus Casanova dos¹; BRUSCATTO, Mariângela Hoffmann²; HECK, Rita Maria³

¹Mestrando em Enfermagem - UFPel; mateuscasanova@ig.com.br

²Mestre em Ciência e Tecnologia Agroindustrial – UFPel;

³Professora Doutora do Programa de Pós Graduação em Enfermagem – UFPel

1.INTRODUÇÃO

O Brasil apresenta rica diversidade de flora e fauna, o que faz dele um país com recursos naturais de estima valia e de grande potencial para a botânica medicinal. Segundo Júnior (1997) a flora brasileira é riquíssima em espécies com princípios ativos prontos, esperando apenas serem testados, a custos incomensuravelmente menores. A região sul tem suas características próprias como: relevo, clima, temperatura o que favorecem o cultivo e o aproveitamento das plantas para tratamento de saúde.

Pode-se elencar diversas vantagens do uso de plantas medicinais: (a) nos países em desenvolvimento, o uso de plantas medicinais ajuda a reduzir a importação de medicamentos, promovendo assim a auto-suficiência (MACHADO, 1982); (b) aumento da ação terapêutica oferecendo medicamentos mais baratos e de ação mais adequada (LAPA *apud* GARLET, 2000); e, (c) valorização das tradições populares e o fornecimento de substrato autóctone para o desenvolvimento da indústria farmacêutica local. (GARLET, 2000).

Segundo Teske e Trentini (1997) o emprego dos vegetais como alimento, medicamento ou cosmético, se perde na história do homem na face da Terra, mostrando estudos da arqueologia que há mais de 3000 anos as ervas eram utilizadas para esses fins. O mesmo autor relata que a história da fitoterapia se confunde com a história da farmácia. O descobrimento das propriedades curativas das plantas foi, no início, meramente intuitivo ou, observando os animais que, quando doentes, buscavam nas ervas cura para suas afecções.

A medicina popular é uma prática que tem resistido política e culturalmente à medicina acadêmica. É praticada em diferentes circunstâncias por várias pessoas ou por especialistas populares de cura; é uma prática que oferece respostas concretas aos problemas de doenças e sofrimentos vividos pela população. Além disso, ela é uma medicina de baixo custo que se torna acessível às pessoas dos mais diferentes níveis sociais (OLIVEIRA *apud* PASSAMAI, 2000).

Este estudo tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica da planta medicinal *Equisetum* sp. L., devido à experiência vivenciada por um dos autores na utilização dela em um serviço ambulatorial de Terapias Complementares em Saúde que atende usuários no Sistema Único de Saúde (SUS), localizado no município de

Porto Alegre, RS, Brasil. A partir da experiência fitoterápica, surgiu a necessidade de tentar efetivar a racionalidade fitoterápica de forma mais tangível, de baixa complexidade e com exaltação científica e prática em saúde.

2. METODOLOGIA

O presente estudo tem caráter teórico-reflexivo representado através de uma revisão bibliográfica sobre o uso medicinal da planta *Equisetum* sp. L., destacando o nome popular; indicações e propriedades terapêuticas na literatura científica e na sabedoria popular; a fitoquímica; o modo de uso; e, por fim, as contra-indicações.

Partindo do referencial em fitoterapia com base na antroposofia (STEINER, 1986; MORAES, 2007), desvelando as plantas medicinais da fitoterapia no Brasil como recurso complementar à saúde, descrevendo a planta medicinal mencionada como estratégia terapêutica em fitoterapia no sistema único de saúde brasileiro, pretende-se, através dos aspectos morfológicos e fitoquímicos construir uma imagem arquetípica para a terapêutica, contribuindo didaticamente para uma fácil compreensão do seu uso (SANTOS; MICHELS; DALLA VECCHIA, 2003). A ousadia está na tentativa de aproximar a metodologia da sabedoria popular à científica. Ainda, faz-se conhecer a literatura científica e popular a respeito de plantas medicinais traçando um estudo comparativo sobre cada planta, suas propriedades, indicações e modo de uso.

Segundo Moraes (2007), a antroposofia propõe uma revitalização e reespiritualização, ou reencantamento da Cultura Ocidental Contemporânea, desgastada pela atomização dos indivíduos e dos saberes, vitimada e corroída pelo capitalismo e pela falta de senso de sagrado e de belo, empobrecida pelo unilateralismo e pelo senso prosaico *mephistophélico*. O autor diz que a antroposofia revisita a noção de Signatura, mas dentro de um novo contexto, procurando encontrar relações práticas entre uma planta e uma doença humana a partir de semelhanças qualitativas ou morfológicas entre a planta e o órgão humano, uma função ou um comportamento. A planta medicinal é, assim, aquela que é capaz de captar, ou de incorporar, ou de interagir com a astralidade ambiente, produzindo uma “contra-astralidade” em seu metabolismo, expresso em sua morfologia e em seus princípios ativos – os quais a tornam medicinal.

Enfim, a planta produz princípios ativos. O homem produz um quadro tóxico. Um princípio ativo vegetal é um quadro tóxico que o ser da planta soube redirecionar e aproveitar em função dela própria. O ser etérico do homem (STEINER, 1986) desaprendeu, desde os primórdios da evolução, como realizar essa tarefa. Então, ele recorre à planta para ensiná-lo a reaproveitar ou eliminar a astralidade estranha que o torna intoxicado, doente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A planta medicinal *Equisetum* L., apresenta os seguintes nomes populares: cavalinha, cavalinha-gigante, cola-de-cavalo, erva-canudo, milho-de-cobra, rabo-de-cavalo, rabo-de-raposa, rabo-de-cobra, lixa-vegetal, rabo-de-rato-erva-carnuda, cana-de-jacaré, cauda-equina, cauda-de-raposa (LORENZI; MATOS, 2002).

Lorenzi e Matos (2002) denota três espécies de cavalinha. Uma apelidada de rabo de cavalo, que é cheia de pelos, esta cresce em banhados – indicada para uso externo (*Equisetum giganteum*, L). A outra é chamada rabo de lagarto, liso, sem filetes,

crece em terra firme (*Equisetum hiemale*, L.). Esta é recomendada para uso interno (WENDLING, 1997). A espécie européia é descrita como *Equisetum arvensis*, L. (LORENZI; MATOS, 2002). Esse autor diz que elas possuem características em comum, apresentando até treze por cento de sílica em seus tecidos, o que causa diarreias sanguinolentas, aborto e fraqueza nos animais e justifica o nome de lixa-vegetal.

As indicações e propriedades terapêuticas, segundo a literatura popular, são: ótimo para rins, bexiga, próstata, cálculos renais na bexiga, resfriados, gripes, herpes, baço, tísica, bronquite, elimina ácido úrico, hidropisia, esclerose, hemorróidas, aftas, feridas, contusões, câncer, anemia, osteoporose, coração, espinhas, nervos, gota, leucorréia, tumores cancerosos, problemas mens-truais, fraturas, problemas nos dentes, inflamação no fígado, intestino, olhos, ouvidos, garganta, falta de memória e visão, amidalite, gengivite, chulé, caspas, sudorese excessiva, problemas de pele e hipertensor (WENDLING, 1997).

Segundo a literatura científica, para uso como diurético, e tratamento das afecções dos rins e da bexiga, contra hemorragias nasais, anemia, para calcificação de fraturas, bem como para eliminar o ácido úrico, a literatura etnofarmacológica recomenda o uso do chá preparado por fervura, de uma colher das de sopa de pedacinhos de suas hastes picadas em água suficiente para dar uma xícara das médias, para ser bebido na dose de uma xícara das médias duas vezes ao dia. Na composição química dessa espécie e das outras citadas tem sido registrada a presença, dos alcalóides piridínicos, nicotina e palustrina (equisetina), dos flavonóides glicosilados da apigenina, quercetina e do campferol, e de derivados dos ácido clorogênico, cafeico e tartárico (LORENZI; MATOS, 2002; MORAES, 2007).

O modo de uso, na literatura popular, utiliza-se na parte aérea 50 gramas/litro, como diurético. 50 a 200 ml/dia e como hemostático até 500 ml/dia (adultos). Pó 1 a 2 gramas/dia, como remineralizante, após as refeições 2 a 5 gramas/dia como hemostático (adultos). Uso externo creme capilar dermatológico infusão 5 a 10% (Prestes *et al.*, s.d.). Lavar feridas e cortes – poder ser feitas compressas locais com a própria folha. Tintura: 10 gotas 3 vezes ao dia. Chá: 4 a 5 gomos em 1 litro de água (WENDLING, 1997).

As contra-indicações pertinentes perpassam os casos de disfunção cardíaca ou renal. Em altas doses interfere na absorção da vitamina B1 (PRESTES *et al.*, s.d.).

Ao analisá-la no seu processo vital, o elemento Terra perpassa essa constituição devido ao caráter mineral, silício e cristalino. O elemento salino gera consistência, reforçando o elemento Terra nessa espécie vegetal (MORAES, 2007). O elemento Água também se reflete na planta através dos alcalóides e flavonóides que a constituem. A polaridade harmônica silício e enxofre estão presentes na planta, o primeiro estrutura e o segundo dissolve. É uma planta oca (elemento aéreo). Moraes (2007) descreve-a como a imagem vegetal do rim. Segundo o mesmo autor, a nicotina, alcalóide típico das solanáceas, caracteriza o elemento aéreo-astral na planta.

4. CONCLUSÕES

O ponto de encontro entre a literatura científica e popular nesta planta é o uso terapêutico na função renal e urinária, destacando a prevenção contra a litíase renal e rica ação diurética, medicamento geral para as afecções renais. As saponinas apontam como fator diurético (MORAES, 2007). O estudo é um começo da tentativa de um possível diálogo metodológico, sem a ambição de esgotar as

observações geradas a partir da revisão bibliográfica. Percebe-se que antroposofia pode contribuir para a compreensão mais ampliada da saúde junto às terapias naturais, especificamente, neste estudo, a fitoterapia. A fitoterapia baseada pela antroposofia é específica e tem bases gnosiológicas peculiares, contribuindo sobremodo para uma visão ampliada da arte do cuidado em saúde. Por fim, emergiu a necessidade de aprofundar *Equisetum* sp. L. junto ao referencial das plantas bioativas (SCHIEDECK, 2007).

5. REFERÊNCIAS

- JÚNIOR, A.A.S.. **Plantas Medicinais e Aromáticas** CD-ROM. Governo do Estado de Santa Catarina da Agricultura e do Desenvolvimento Rural. Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina. Administração Regional de Itajaí. Estação Experimental de Itajaí. Itajaí: 1997.
- GARLET, T. M. B. **Levantamento das plantas medicinais utilizadas no município de Cruz Alta, RS, Brasil**. 2000. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.
- LORENZI, H.; MATOS, F. J. A.. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002. 542p.
- MACHADO, U.. **20 anos da indústria da doença**. Porto Alegre: Civilização Brasileira, 1982. 120p.
- MORAES, W.A.. **Medicina Antropófica: um paradigma para o século XXI**. 2 ed.. São Paulo: ABMA, 2007.
- PASSAMAI, R. M. **Levantamento etnobotânico das plantas de uso medicinal em Mariana Pimentel, Rio Grande do Sul**. 2000. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.
- PRESTES, A. F.; et al. **Planta medicinais, aromáticas e condimentares**. Porto Alegre: EMATER/RS, [s.d.].
- SANTOS, M.C; HECK, R.M.; LANGE, C.. **Resgatando a integralidade holística nas práticas de cuidado complementar em saúde** [monografia]. Pelotas (RS): Universidade Federal de Pelotas; 2005.
- SANTOS, M.C.; MICHELS, G.H.; DALLA VECCHIA, A.M.O.. Fenomenologia Goetheanística da Cebola (*Allium cepa*, L.). In: **XIII Congresso de Iniciação Científica e VI Encontro de Pós-Graduação**. Pelotas: UFPel, out. 2004.
- STEINER, R.. **Fundamentals of Anthroposophical Medicine**. Translation by Alice Wulsin. New York: Mercury Press, 1986.
- SCHIEDECK, G. et al. Saber popular como elemento primordial para trabalhos em Agroecologia. **Revista Brasileira de Agroecologia**. v.2, n. 2, out., 2007.
- TESKE, M.; TRENTINI, A.M.. **Herbarium compêdio de fitoterapia**. 3 ed. Curitiba, 1997. 317p.
- WENDLING, P. **A vida cura a vida: alternativas para a sua saúde no novo milênio**. 2. ed. Passo Fundo: Pe. Berthier, 1997.